

Cartografias da fome: literatura e mídias como resistência em *quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus

Cartografías del hambre: literatura y medios como resistencia en *quarto de despejo: diario de una favelada*, de Carolina Maria de Jesus

Cartographies of hunger: literature and media as resistance in *quarto de despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus



Elyane Jayrla Castro da Costa¹

Renilson Rosa Ribeiro²

Resumo: Ao escrever *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus nos apresenta o mapa da cidade de São Paulo por meio da ótica da fome, da exclusão, da luta pela sobrevivência. Assim, o presente artigo propõe discutir como a obra em tela pode ser articulado com o uso de ferramentas digitais, como o *Google Maps*, para refletir os espaços de marginalização urbana presentes na cidade de São Paulo, ampliando as possibilidades de leitura da obra. Nesse sentido, utilizando a ferramenta de navegação *Google Maps*, construímos a cartografia digital a partir dos espaços mencionados em

¹ Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Cuiabá – Mato Grosso – Brasil.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – São Paulo – Brasil.

Quarto de despejo, e adicionamos trechos do livro que faz referência àquela localização. Conclui-se que o uso do *Google Maps*, ao ser deslocado de sua função original para fins literários e críticos, provoca uma subversão das mídias transformando a cartografia literária em instrumento de resistência e preservação da memória urbana.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Cartografia literária; Mídia digital.

Resumen: Al escribir *Quarto de despejo: diario de una favelada*, Carolina Maria de Jesus nos presenta un mapa de la ciudad de São Paulo a través de la óptica del hambre, de la exclusión y de la lucha por la supervivencia. Así, el presente artículo propone discutir cómo la obra en cuestión puede articularse con el uso de herramientas digitales, como *Google Maps*, para reflexionar sobre los espacios de marginación urbana presentes en la ciudad de São Paulo, ampliando las posibilidades de lectura de la obra. En este sentido, utilizando la herramienta de navegación *Google Maps*, construimos una cartografía digital a partir de los espacios mencionados en *Quarto de despejo*, y añadimos fragmentos del libro que hacen referencia a dichas localizaciones. Se concluye que el uso de *Google Maps*, al ser desplazado de su función original hacia fines literarios y críticos, provoca una subversión de los medios, transformando la cartografía literaria en un instrumento de resistencia y preservación de la memoria urbana.

Palabras clave: Carolina María de Jesús; Cartografía literária; Medios digitales.

Abstract: In writing *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus presents a map of the city of São Paulo through the lens of hunger, exclusion, and the struggle for survival. Thus, this article proposes to discuss how the work in question can be articulated with the use of digital tools, such as *Google Maps*, in order to reflect on the spaces of urban marginalization present in the city of São Paulo, expanding the possibilities for reading the work. In this sense, using the navigation tool *Google Maps*, we construct a digital cartography based on the spaces mentioned in *Quarto de despejo*, and add excerpts from the book that refer to those locations. It is concluded that the use of *Google Maps*, when displaced from its original function to literary and critical purposes, produces a subversion of media, transforming literary cartography into an instrument of resistance and preservation of urban memory.

Key-words: Carolina Maria de Jesus; Literary cartography; Digital media.

Introdução

Carolina Maria de Jesus era mineira, nascida numa cidade interiorana de nome Sacramento. Ao que indicam as fontes históricas, foi fundada pelo cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunsowik, e se desenvolveu a partir da construção de um oratório do Santíssimo Sacramento (Farias, 2018). O município, marcado por heranças do período escravocrata, ainda sustentava relações de poder que impunham ao negro o seu lugar de subordinação, lugar esse que nunca fora aceito por Carolina.

Em busca de um lugar onde pudesse sonhar com uma vida melhor e afirmar-se como poetisa — segundo o biógrafo Farias (2018), a poesia foi o gênero ao qual a escritora multifacetada mais se dedicou —, Carolina escolheu a cidade de São Paulo. Como tantos outros migrantes, acreditava tratar-se de uma terra de oportunidades. No entanto, ao chegar em 31 de janeiro de 1937 à Estação da Luz, deparou-se com pessoas de passos apressados, preocupadas com o horário, e com um ritmo de vida distinto daquele que imaginara.

Mesmo diante das tentativas empreendidas, a escritora continuava marcada pelas condições impostas à mulher negra e pobre. No final do ano de 1948, Carolina se muda para a extinta favela do Canindé, situada às margens do rio Tietê, grávida de seu segundo filho, João José (o primeiro filho havia falecido). Posteriormente, a escritora deu à luz à José Carlos e à Vera Eunice. É nesse ambiente, em um “quarto de despejo”, que Carolina se torna a escritora-narradora-personagem de seu livro mundialmente conhecido, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Apesar de ter escrito outras obras, como *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961); *Provérbios* (1963); *Pedaços da Fome* (1963) e outros publicados postumamente: *Diário de Bitita* (1986); *Antologia Pessoal* (1996); *Meu Estranho Diário* (1996); *Onde estaes felicidade?* (2014) e *O Escravo* (2023); *Quarto de despejo* (1960) continua sendo o livro amplamente conhecido de Carolina Maria de Jesus.

A pé, muitas vezes descalça, Carolina percorria ruas e avenidas, próximas ou distantes da favela do Canindé, em busca de materiais recicláveis que pudessem ser

vendidos para garantir o alimento dos filhos naquele dia. No dia seguinte, refazia os mesmos caminhos ou seguia por rotas diferentes, procurando papéis, ferros, garrafas ou qualquer objeto que pudesse ser trocado por comida. Assim se sucederam seus dias, meses e anos, marcados pela rotina exaustiva e pela luta constante de uma vida na favela.

Entre os anos de 1958 e 1960, na favela do Canindé, Carolina iniciou a escrita de seu diário em cadernos velhos, encontrados durante suas longas andanças à procura de materiais recicláveis. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, ela expõe com sensibilidade e contundência as duras condições de vida na favela e denuncia o persistente descaso do poder público diante das necessidades de seus moradores.

Para além, Conceição Evaristo (2009) observa que, ao escrever *Quarto de despejo*, Carolina transgride aquele espaço que a sociedade racista e preconceituosa determinou a ela e a tantos outros negros e negras. É na favela do Canindé que a escritora reivindica o seu lugar fora do espaço que a sociedade determinou como sendo o seu, mesmo morando em meio a pobreza e na labuta da vida diária.

Ao transformar o seu cotidiano em narrativa, Carolina nos permite vislumbrar uma outra cidade de São Paulo, marcada pelas suas caminhadas, paradas em mercearias, frigoríficos, açougues e pelas travessias em pontes e ruas. Esses espaços constroem uma cartografia literária da exclusão, assim, os seus pontos de referência da metrópole deixam de ser monumentos históricos e passam a ser a favela, lugar da invisibilidade social.

A cartografia literária, conforme observa Tiago Vieira Cavalcante (2020), investiga as possibilidades nessa relação entre geografia e literatura, tendo em vista que há conexões entre o espaço físico e a linguagem escrita. Assim, o olhar geográfico pode ser aplicado à interpretação de obras literárias, bem como a literatura se debruça sobre as questões relacionadas ao espaço geográfico.

Uma ferramenta digital como o *Google Maps* possibilita a localização dos espaços mencionados em *Quarto de despejo*, obra de Carolina, reforçando o caráter político de sua escrita. Ao transpor os pontos descritos pela autora de seu diário para o *Google Maps* é possível evidenciar que os lugares físicos da cidade são marcados por histórias de opressão e apagamento, pois os favelados moram no “quarto de despejo”, metáfora para

o espaço destinado a ocultar da visita aquilo que não se quer mostrar, ou seja, o lugar do descarte, do invisível, do que a sociedade prefere manter à margem.

Desse modo, o presente artigo propõe discutir como a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina, pode ser articulado com o uso de ferramentas digitais, como o *Google Maps*, para refletir os espaços de marginalização urbana presentes na cidade de São Paulo, ampliando as possibilidades de leitura da obra.

Fundamentação teórica

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e em outras obras, Carolina Maria de Jesus traduz a sua vida em uma forma particular de escrita, na mistura da linguagem coloquial e da linguagem culta, que se fundem na construção de uma literariedade, que mostra a rudeza, mas também a delicadeza.

Lívia Natália Souza (2017), em seu artigo *A poética da fome e a escrita da precariedade: sobre Carolina Maria de Jesus*, analisa que a escrita caroliniana se constrói por meio da *escrita da precariedade*, fruto do seu meio social, dos espaços que percorre, da sua condição de vida, portanto, na relação entre o feio e o grotesco. É a partir da escrita que a autora encontra formas de suportar a condição em que vive, denunciando o descaso dos políticos, daqueles que deveriam ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Para além de sua dimensão literária, *Quarto de despejo* pode ser considerado um documento histórico e memorialístico, que revela o cotidiano de uma mulher negra, pobre, mãe solo e moradora da favela do Canindé, situada às margens do rio Tietê. A partir de uma visão própria, singular e sensível, a escritora constrói uma representação da cidade marcada por deslocamentos, privações e pela luta constante contra a fome. Assim, sua narrativa é íntima, mas também é coletiva, pois dá visibilidade àqueles que foram silenciados e reinscreve, no espaço urbano, os traços da exclusão social.

Desta maneira, é possível afirmar que literatura e política são dimensões indissociáveis. O pesquisador Cláudio do Carmo Gonçalves (2018), em seu artigo *Literatura e política: uma introdução*, argumenta que a literatura é uma forma de

representação da realidade por estar inserida em um momento histórico específico. Nesse sentido, o fazer literário é um ato político, uma vez que envolve intencionalidades, escolhas e posicionamentos. Toda escrita é carregada de uma visão de mundo, tornando o ato de escrever uma prática politicamente engajada, mesmo que de maneira implícita.

Ao escrever *Quarto de despejo*, Carolina expõe a dura realidade que enfrentava diariamente: a luta constante contra a fome. Sua escrita, profundamente marcada por uma perspectiva política, transforma o relato do cotidiano em uma reflexão crítica sobre a cidade de São Paulo, revelando um espaço atravessado pela desigualdade, exclusão social e perda da dignidade humana.

“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (Jesus, 2014, p. 32). Neste fragmento, Carolina denuncia a permanência de estruturas opressoras que atingem, sobretudo, a população majoritariamente negra residente nas favelas brasileiras. Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido oficialmente em 1888, a escritora evidencia que a escravidão persiste sob novas formas, como a fome, que obriga muitos a lutar diariamente por um prato de comida, revelando a continuidade da exclusão e da negação de direitos básicos.

Florencia Garramuño (2014), no capítulo intitulado *A literatura fora de si*, defende que a literatura contemporânea opera dentro de um campo expandido, ou seja, rompe os limites tradicionais do literário ao se entrelaçar com a vida e o mundo ou até mesmo ao não distinguir limites entre o real e o imaginário. Deste modo, a literatura não se encerra em si mesma, pelo contrário, deve ser compreendida como parte da realidade, ao mesmo tempo em que a realidade também se inscreve no texto literário.

Ao afirmar que no “campo expansivo também está a ideia de uma literatura que se figura como parte do mundo e imiscuída nele, e não como esfera independente e autônoma” (Garramuño, 2014, p. 36) é possível inferir essa relação entre literatura e política, reafirmando o que defende Gonçalves (2018), ou seja, que estão entrelaçadas.

A obra de Carolina, *Quarto de despejo*, pode ser inserida dentro do conceito de campo expandido defendido por Florencia Garramuño, como mencionado anteriormente, tendo em vista que a obra expressa de forma potente a fusão entre vida e literatura,

reafirmando a ideia de que o literário pode emergir dos registros do cotidiano, da dor e da marginalização, expandindo-se para além dos gêneros e formas canônicas.

Nesse processo de registrar o cotidiano, a dor e a marginalização, Carolina delineia os espaços por onde circula, permitindo ao leitor vislumbrar uma São Paulo que extrapola os centros históricos e o ritmo acelerado de urbanização característico do período de publicação de *Quarto de despejo*. Revela-se, assim, uma cidade profundamente marcada pela exclusão e pela miséria. Ruas, avenidas, pontes e outros percursos percorridos pela autora convertem-se em marcas de sua trajetória de resistência à desigualdade social, ao racismo, à opressão de gênero e à fome, na constante busca por dignidade humana.

O mapeamento dos territórios da escassez e da invisibilidade constrói uma verdadeira cartografia literária marcada pela exclusão urbana, em que cada descolamento pelas ruas e avenidas aos arredores da favela do Canindé se transforma em um ato de denúncia e de escrita do espaço. Deste modo, a narrativa traça um outro mapa da cidade, desenhado a partir da experiência daquele que está à margem, tornando um território onde vida, espaço e literatura se entrelaçam.

Franco Moretti (2008), em seu livro *A literatura vista de longe*, especificamente no capítulo *Mapas*, que discute o uso de mapas na análise literária, propõe uma abordagem inovadora ao introduzir a cartografia como ferramenta para a compreensão de romances e sistemas literários. Assim, para Moretti, ao invés de nos atermos apenas para a narrativa ou a linguagem utilizada, é possível pensar a literatura sob a visão da espacialidade, demonstrando que o uso de mapas também pode ser uma estrutura fundamental na organização literária.

A proposta central do pesquisador é a de que os mapas ajudam a desnaturalizar o texto literário, ao visualizar os percursos dos personagens, a distribuição espacial dos acontecimentos ou a localização das cidades em que se passam as narrativas, sendo possível perceber alguns padrões e relações invisíveis a uma leitura linear. Moretti (2008) exemplifica a sua ideia com mapas em romances ingleses do século XIX, em que a posição dos personagens na cidade ou no campo revela, não só estruturas narrativas

recorrentes, mas também os valores sociais e as hierarquias simbólicas do período. Assim, é possível inferir que o mapa não substitui a leitura crítica, mas a complementa.

Segundo Daniel Melo Ribeiro (2015), a cartografia literária configura-se como um campo de estudo voltado à análise das possíveis conexões entre os mapas e os espaços representados nos textos literários. Citando artigo publicado pelos pesquisadores Barbara Piatti e Lorenz Hurni (2011), Ribeiro expõe que os estudos sobre cartografia e literatura são inseridos em uma perspectiva interdisciplinar mais ampla, intitulada geografia literária. De tal modo, as formas como os espaços são representados na literatura podem variar conforme o nível de semelhança entre a ficção criada e o real.

Assim, podem existir narrativas ambientadas em espaços reais (cidades, regiões, países, entre outros), que apresentam diferentes níveis de precisão e aproximação com o mundo concreto. Por outro lado, há escritores que constroem universos inteiramente ficcionais, como mundos fantásticos ou cidades inventadas.

No entanto, quando se trata da obra *Quarto de despejo* é possível encontrar estudos que tendem a se concentrar na tentativa de classificá-la dentro de um gênero textual específico, como: diário, autobiografia ou registro documental. Essa não é, contudo, a proposta deste artigo. Defendemos que, para além dessas categorizações, a obra apresenta traços evidentes de literariedade e poeticidade, perceptíveis na linguagem, nas imagens construídas e na forma como a autora estrutura sua experiência vivida. Portanto, deve ser reconhecido como literatura, na medida em que transcende a função meramente informativa e se afirma como uma produção estética e sensível sobre a realidade social que representa.

Diferente das narrativas de outros escritores, Carolina retrata um mundo real, de modo a mapear os espaços da exclusão social, nos oferecendo uma geografia marcada pela pobreza urbana. Desse modo, há uma imbricação entre o espaço narrado e o espaço vivido, conferindo ao texto o status de um mapa literário que denuncia desigualdades e dá voz à favela, território historicamente silenciado.

Para melhor visualizar os espaços percorridos por Carolina e mencionados em sua obra *Quarto de despejo*, utilizamos a ferramenta digital *Google Maps*. A ideia para essa construção utilizando uma ferramenta de geolocalização ocorreu após a leitura das obras

da artista visual Julia Debasse, intituladas: *De onde vieram os homens que beijei*³; *De onde vieram os homens que amei*⁴ e *De onde vieram os homem com quem dormi*⁵. Essas obras compõem uma trilogia afetiva na qual a autora constrói uma narrativa crítica sobre a presença e a influência dos homens em sua trajetória como mulher e que pode ser vista como uma cartografia literária.

Ao narrar essas histórias, Debasse recorre a uma ferramenta não convencional, o *Google Maps*, originalmente criado para auxiliar na geolocalização de pessoas e lugares. Esse recurso tecnológico, quando incorporado à prática artística, ultrapassa sua função utilitária e passa a integrar o processo criativo, ampliando as possibilidades narrativas.

No capítulo *Arte e mídia: aproximações e distinções*, que integra o livro *Arte e mídia*, Arlindo Machado (2010, p. 9) discute essas zonas fronteiriças entre arte e mídia, ao afirmar que “a arte sempre foi produzida com os meios de seu tempo”. Como exemplo dessa apropriação, o autor menciona o caso do escultor e fotógrafo francês Edgar Degas, que utilizava a fotografia, não apenas com sua finalidade convencional, mas como ferramenta para congelar o movimento dos corpos e, a partir disso, produzir suas esculturas. Trata-se, portanto, de um uso criativo e deslocado da finalidade principal de determinada tecnologia, algo que também se observa na obra de Debasse.

Para Machado (2010), a arte se constrói na subversão da função lógica de determinada máquina, distanciando-se de seu propósito de criação. Assim, ao corromper a programação da fotografia, Edgar Degas a utilizou, não apenas como registro, mas como ferramenta para compor esculturas a partir do congelamento do movimento. Da mesma forma, outros artistas ao longo da história romperam com os usos técnicos tradicionais de dispositivos e tecnologias, convertendo-os em arte.

Portanto, partindo da perspectiva do pesquisador Machado (2010) de que a arte pode emergir da subversão da lógica funcional das máquinas e das tecnologias de seu tempo, o uso do *Google Maps* como ferramenta para construir uma cartografia literária dos espaços percorridos por Carolina, mencionados em *Quarto de Despejo*, também se

³ Para acessar: <http://tinyurl.com/ydpst8q/>

⁴ Para acessar: <http://tinyurl.com/yjk9pvp>

⁵ Para acessar: <http://tinyurl.com/yfnlbvs/>

configura como um gesto de subversão. Ao deslocar a função original da plataforma, criada para fins de geolocalização, para fins artísticos e interpretativos, ocorre uma reconfiguração simbólica da tecnologia que passa a operar como instrumento de leitura crítica, denúncia e produção estética.

Ademais, o uso de ferramentas digitais, nesse caso o *Google Maps*, amplia as possibilidades de análise e fruição da cartografia literária, pois, além de facilitar a localização espacial dos eventos narrados, pode promover a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, entre elas as ciências humanas. De tal modo, ao mapear os espaços vividos por sujeitos subalternizados, como Carolina, se produz uma leitura contra hegemônica da cidade, que se desloca do centro e valoriza as margens, como a favela do Canindé.

Lugares por onde Carolina andou...

O surgimento das favelas na cidade de São Paulo ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970, como consequência do acelerado processo de urbanização. Antes desse período, os cortiços constituíam a principal forma de moradia para aqueles que não possuíam acesso a habitações com infraestrutura adequada, especialmente no que se refere ao saneamento básico. Esses espaços acolhiam majoritariamente operários da indústria, além de pessoas que trabalhavam no mercado informal ou se encontravam em situação de desemprego (cf. Valladares, 2000).

A extinta favela do Canindé (Figura 1) situava-se em uma área central e urbanizada na cidade de São Paulo, às margens do rio Tietê, fato evidenciado pelos deslocamentos de Carolina Maria de Jesus registrados em seu diário, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Segundo Ana Claudia Castilho Barone (2019, p. 43), em seu artigo intitulado *Negra ou pobre? Migrante ou despejada? Carolina Maria de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977)*, a formação da favela do Canindé remonta a 1948, mesmo ano em que a escritora passou a residir na comunidade, sendo estimulada pela

Prefeitura Municipal de São Paulo “que concedeu a área para o assentamento de famílias desalojadas da ocupação de um terreno particular.”

Figura 1 – Delimitação aproximada da área onde se localizava a favela do Canindé, conforme referências presentes em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.



Base cartográfica: *Google Maps*, 2025.

Fonte: Aatoria, 2025.

Apesar de sua localização estratégica, próxima a áreas valorizadas e com infraestrutura, o Canindé refletia um quando de vulnerabilidade, negligência do Estado, e estigmatização social. Na atualidade, observa-se a intensificação de um processo de deslocamento desses espaços para regiões periféricas, distantes dos centros urbanos, como forma de inviabilizar a presença dos grupos marginalizados. Essa prática ecoa simbolicamente a metáfora construída por Carolina, o “quarto de despejo”, um lugar em que habita a exclusão social, sendo reservado àqueles considerados indesejáveis pela elite da sociedade.

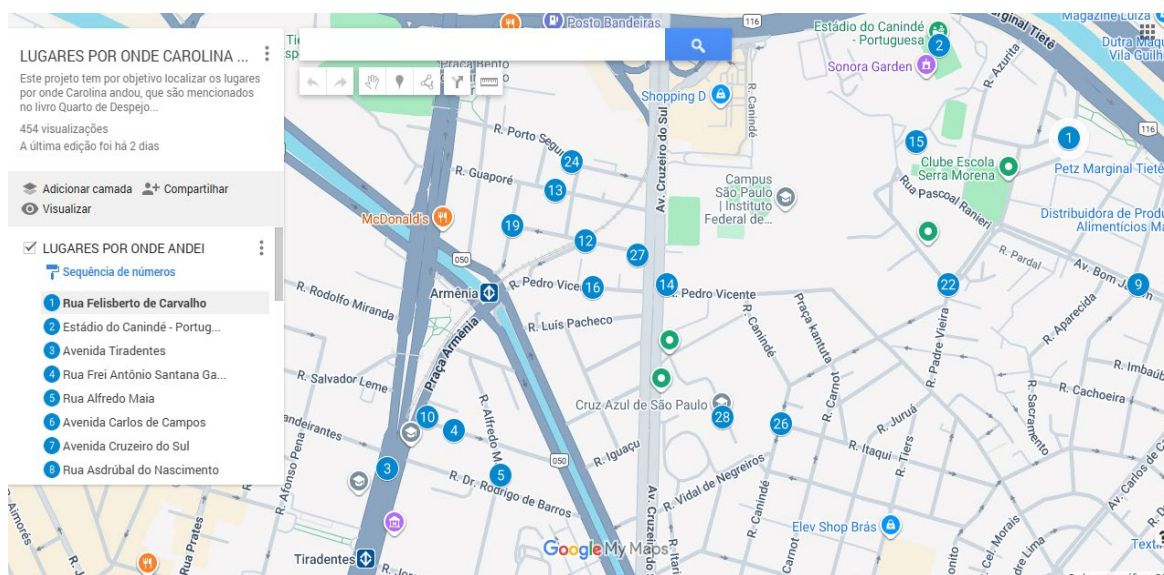
A respeito, em seu artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Lélia Gonzalez (2020) enfatiza que, desde o período colonial existe uma clara distinção entre os espaços físicos ocupados por dominadores e dominados. Para a socióloga, o “lugar natural do negro” é historicamente associado a espaços de marginalização, como senzalas, cortiços,

favelas e alagados, enquanto a população branca dominante habita residências luxuosas, localizadas em áreas centrais das cidades e protegidas por força policial.

Essa perspectiva é evidente em *Quarto de despejo*, tendo em vista que a favela do Canindé, lugar onde Carolina viveu e que serve de cenário para a construção de seu diário, revela a coexistência paradoxal entre centralidade geográfica e exclusão social. Mais do que narrar a experiência individual de uma mulher negra favelada, o diário traça uma cartografia precisa dos deslocamentos e espaços cotidianos, materializando no espaço urbano as dinâmicas da segregação socioespacial.

Foi a partir dessa dimensão espacial que se estruturou a elaboração do mapa interativo⁶ (Figura 2) construído com o auxílio da ferramenta digital *Google Maps*, no qual foram georreferenciados os locais mencionados por Carolina. O uso dessa ferramenta possibilita uma leitura ampliada que articula o espaço geográfico, literatura e memória social, permitindo que o território narrado seja experimentado de forma visual e interativa.

Figura 2 – Mapa interativo ampliado dos espaços mencionados em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.



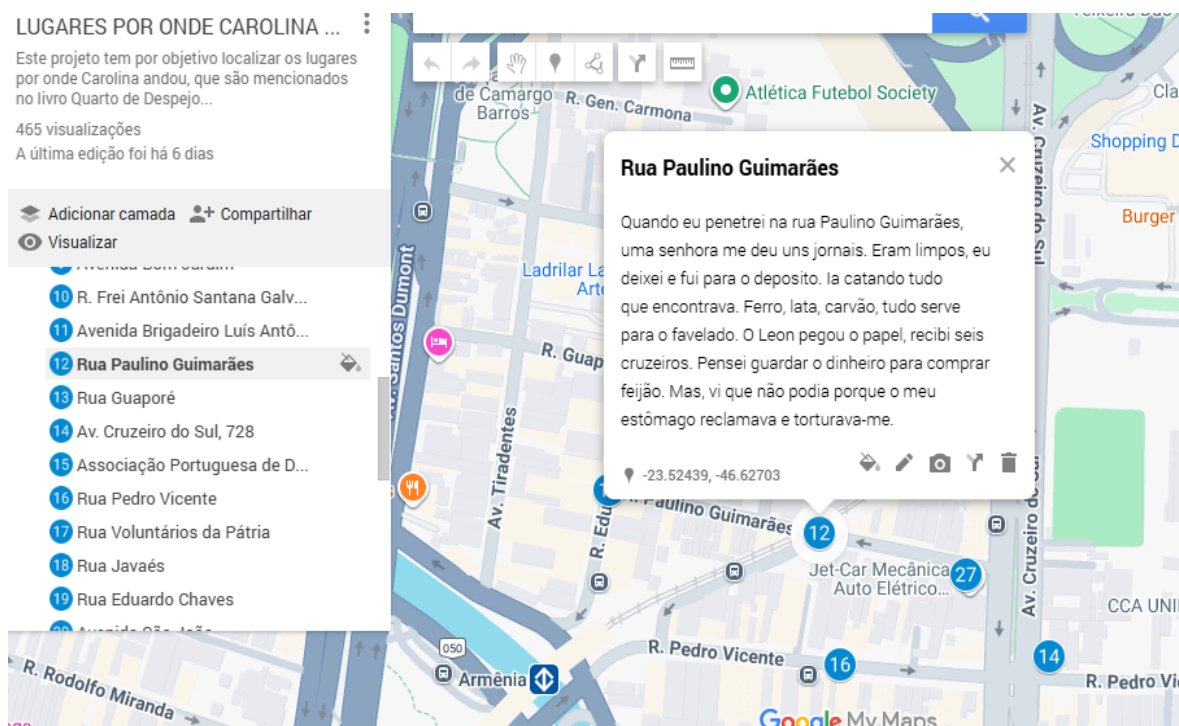
⁶ Para acessar o mapa interativo: https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1Np4y2vqGLcoStlFihAEn_jBMZ4YGFI&ll=-23.525655129920253%2C-46.63395184549475&z=14

Base cartográfica: *Google Maps*, 2025.

Fonte: Aútor, 2025.

A sobreposição entre centralidade geográfica e marginalidade social revela como a segregação urbana não é definida apenas pela distância física, mas também de barreiras simbólicas e estruturais que delimitam quem pertence a determinados espaços e quem é apenas tolerado neles. Ao inserir pontos como a Rua Paulino Guimarães, Avenida Cruzeiro do Sul, Avenida Bom Jardim, Rua Javaés e tantos outros mencionados no livro, o mapa converte referências narrativas em coordenadas geográficas, carregados de histórias coletivas. Assim, o mapa funciona, não apenas como ilustração, mas como um instrumento crítico que aproxima o leitor da realidade espacial e social.

Figura 3 – Mapa interativo ampliado com destaque para a Rua Paulino Guimarães, citada em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.



Base cartográfica: *Google Maps*, 2025.

Fonte: Autoria, 2025.

Para cada localidade mencionada na obra, buscamos identificar e situar geograficamente esse espaço no mapa, como exemplificado acima, a Rua Paulino Guimarães (Figura 3). Essa estratégia visa facilitar a interpretação do leitor, permitindo-lhe visualizar de forma mais concreta os percursos e vivências narrados pela escritora. Ressalta-se, entretanto, que o mapa ainda necessita de atualizações e complementações, uma vez que, em diversos trechos, a autora não menciona ruas ou avenidas, mas apenas pontos de referência como “mercadinho”, “frigorífico” ou “armazém”. Tais lacunas exigem um trabalho de investigação mais apurado para estabelecer a localização precisa.

Desse modo, ao utilizar o *Google Maps*, ferramenta originalmente criada para geolocalização, que aqui irá representar e reconstituir o espaço narrativo, realiza-se uma subversão da função original do instrumento, que dialoga com a proposta de Machado (2010) ao discutir as fronteiras entre arte e mídia, rompendo fronteiras disciplinares e ressignificando materiais, suportes e tecnologias.

Assim, no contexto de nossa proposta, o mapa interativo não apenas complementa a leitura de *Quarto de despejo*, mas se constitui como um artefato crítico capaz de evidenciar contradições urbanas, projetar memórias apagadas e reinscrever no presente a geografia da exclusão. Ao integrar literatura, geografia e arte, a cartografia na literatura reforça a ideia do espaço como elemento narrativo e político, revelando que a cidade escrita por Carolina ainda tem barreiras e disputas.

Deste modo, o mapeamento dos espaços mencionados em *Quarto de despejo*, construído a partir do *Google Maps*, amplia a compreensão da obra de Carolina, transformando seu relato em um documento que, além de literário, é também espacial, histórico e político. Ao cruzar memória, geografia e narrativa, essa cartografia literária refaz o mapa da cidade pelas mãos e olhos de quem viveu à margem. É um olhar que atravessa ruas e avenidas, mas também histórias de uma vida marcada pela exclusão.

Considerações finais

Conclui-se que, ao articular literatura, geografia e arte, este estudo pode evidenciar que *Quarto de despejo* transcende sua dimensão de diário para se tornar um verdadeiro mapa afetivo e político da cidade de São Paulo da década de 1960. O uso do *Google Maps*, longe de ser apenas um recurso de geolocalização, mostrou-se capaz de aproximar o leitor dos caminhos, das ausências e das presenças registradas por Carolina Maria de Jesus, ressignificando os territórios a partir do olhar de quem viveu nas margens.

Nesse sentido, essa cartografia literária, não apenas localiza espaços, mas devolve visibilidade a sujeitos e histórias que a urbanização desigual tentou apagar. Ao marcar geograficamente os percursos de Carolina, inscrevem-se no mapa as contradições de uma cidade partida, onde a centralidade geográfica não garante acesso a direitos e oportunidades. Mais que um exercício acadêmico, trata-se de um gesto de resistência e memória, capaz de tensionar as narrativas hegemônicas sobre o espaço urbano.

Portanto, é possível visualizar que a experiência aqui apresentada aponta para o potencial de metodologias interdisciplinares que unem arte, literatura, geografia e ferramentas tecnológicas, abrindo caminho para novas leituras críticas do espaço e da história social. Ao reconstituir a geografia da exclusão a partir das palavras de Carolina, reafirma-se a potência transformadora da escrita e a urgência de pensar a cidade como um território de disputa, onde a voz e a experiência dos marginalizados têm lugar central.

Referências

BARONE, Ana Cláudia Castilho. Negra ou pobre? Migrante ou despejada? Carolina Maria de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977). **Revista Afro-Ásia**, Bahia, n. 59, p. 43-76, 2019.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista Da ANPEGE**, Dourados, v. 16, n. 31, p. 191-201, 2020.

DEBASSE, Julia. **De onde vieram os homens que beije**. n.d. Disponível em: <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/repositorio-da-literatura-digital-brasileira/de-onde-vieram-os-homens-que-eu-beije-2/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

DEBASSE, Julia. **De onde vieram os homens que eu amei**. n.d. Disponível em: <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/repositorio-da-literatura-digital-brasileira/de-onde-vieram-os-homens-que-eu-amei/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

DEBASSE, Julia. **De onde vieram os homens com quem dormi**. n.d. Disponível: <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/repositorio-da-literatura-digital-brasileira/de-onde-vieram-os-homens-com-quem-dormi-2/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GONÇALVES, Claudio do Carmo. Literatura e política: uma introdução. **Soletras Revista**, Rio de Janeiro, n. 36, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**: aproximações e distinções. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Tradução: Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

PIATTI, Barbara; HURNI, Lorenz. Editorial: Cartographies of fictional worlds. **The Cartographic Journal**, London, v. 48, n. 4, p. 218-223, 2011.

RIBEIRO, Daniel Melo. Cartografia Literária: uma abordagem cartossemiótica sobre a Guerra dos Tronos. In: Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – ComCult, 5., 2015, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2015.

SOUZA, Livia Natalia. A poética da fome e a escrita da precariedade: sobre Carolina Maria de Jesus. **Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Coimbra, n. 28, p. 111-122, 2017.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 5-34, 2000.

Submetido em: 18 de setembro de 2025

Aprovado em: 6 de maio de 2026